

O clínico e a saúde da mulher

The physician and women's health

O congresso da Sociedade Brasileira de Clínica Médica realizado em outubro de 2015 na cidade de Florianópolis/SC, recebeu aproximadamente 1200 trabalhos científicos, os quais foram apresentados em formato de pôster e apresentações orais. O trabalho da comissão científica foi árduo, mas prazeroso, uma vez que se constatou a excelência de vários estudos, assim como a diversidade do conhecimento proveniente de várias regiões do Brasil. Isto só é possível em eventos de clínica médica, onde todos os tópicos têm receptividade e aplicabilidade prática. Por outro lado, é admissível que os autores queiram publicar os resultados em veículos de comunicação com maior abrangência de público, além do participante do evento. Neste sentido, a revista da Sociedade Brasileira de Clínica Médica tem se prestado a este serviço, se mostrando como opção para este fim.

No presente volume está publicado um dos estudos apresentados no congresso em Florianópolis, ao qual foi outorgado prêmio de segundo lugar como o melhor trabalho apresentado, intitulado “Distúrbios psiquiátricos menores em mulheres adultas do extremo sul do Brasil, de Valéri Pereira Camargo e colaboradores, um estudo tipo transversal, de base populacional. O estudo faz parte de outro maior envolvendo mulheres residentes em Rio Grande, município do Rio Grande do Sul, de 96 mil pessoas apenas em região urbana. O projeto se preocupou em verificar dados de educação, conhecimento de fatores de risco e utilização de serviço de saúde por mulheres deste município do extremo sul do país. Em princípio, os autores do presente artigo valorizaram os distúrbios psiquiátricos, uma vez que aqueles orgânicos são prioritariamente identificados pelos serviços de saúde, assim como pelos próprios usuários. No entanto, não há barreiras identificáveis entre os dois polos em saúde, geralmente ocorrendo interferências entre um e outro. Estas situações muitas vezes não são percebidas, mas podem ser modificadas, revertendo em melhora para o indivíduo como um todo. Assim, os autores verificaram a prevalência dos transtornos psiquiátricos menores e a relação com fatores sociais, econômicos e comportamentais, fatores estes perfeitamente passíveis de modificações. O delineamento do projeto foi extremamente cuidadoso, com tamanho amostral planejado estatisticamente, sendo entrevistadas mais de 1500 mulheres adultas que responderam questionário já validado no Brasil (SRQ20)⁽¹⁾. Os autores verificaram que queixas difusas como sintomas depressivos, estados de ansiedades, irritabilidade, insônia, fadiga, dificuldade de concentração, de memória e sensação de inutilidade, considerados como distúrbios psiquiátricos menores, esteve presente em 21,76% das mulheres entrevistadas, sendo esta frequência elevada. Estes transtornos psiquiátricos estiveram associados a fatores modificáveis, principalmente à situação econômica, à falta de suporte social e à morbidades, sendo este último um fator já conhecido como gerador de depressão. Os resultados apontam para a necessidade de rastreamento dos distúrbios psiquiátricos menores nos doentes em geral, mas principalmente em mulheres, as quais estão sempre mais expostas a fatores estressores.

A revista da Sociedade Brasileira de Clínica Médica se sente prestigiada por publicar artigos de tal natureza que traz a tona “iniquidades”, nas palavras dos autores, envolvendo as mulheres. Preocupação, também, tem sido da revista em relação à saúde especificamente das mulheres, chamando a atenção para o tema em publicações recentes, como o editorial do último volume de 2016, abordando o câncer de mama, sob o *slogan* de Outubro Rosa⁽²⁾. Também, em edição anterior foi publicada revisão da literatura por importantes cardiologistas do Brasil sobre o coração da mulher⁽³⁾.

Embora os autores do artigo do atual volume da revista considerem que o rastreamento dos distúrbios psiquiátricos menores deva ser utilizado na atenção básica, pensamos que o clínico, em qualquer segmento da atenção à saúde, seja o médico que melhor possa identificar, conduzir, tratar ou encaminhar corretamente estas pacientes portadoras de tais eventos. Isto se dá, uma vez que de todos os médicos, o clínico é aquele com a capacidade e dever de abordar a doentes e não a doenças, com visão holística do indivíduo, sem estabelecer barreiras entre o somático e o psicológico.

Eros Antonio de Almeida

REFERÊNCIAS

1. Mari JJ, Williams P. A validity study of a psychiatric screening questionnaire (SRQ20) in primary care in the city of São Paulo. *Br J Psychiatry* 1986;148:23-6.
2. Cardoso Filho C, Santos CC, Shinzato JY. “Outubro rosa” – O que há por trás desta iniciativa? *Rev Soc Bras Clin Med.* 2015;13(4):231-2.
3. Chagas AC, Dourado PM, Dourado LA. Woman's heart – differences that make a difference. *Rev Soc Bras Clin Med.* 2014; 12(1):84-92.